

Pernambuco, Sergipe, São Paulo:**Os caminhos do Colégio Inglês na educação feminina***Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas***Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do Nascimento****Jorge Carvalho do Nascimento******Resumo:**

A preocupação central deste estudo é analisar os registros localizados sobre o Colégio Inglês, um estabelecimento de ensino feminino particular, com internato e externato, que iniciou suas atividades letivas em Laranjeiras, no ano de 1887, com um currículo escolar diferenciado. Os anúncios e as festas de encerramento do ano letivo, divulgadas na imprensa de Laranjeiras e de Aracaju, revelam como a instituição se constituía em um importante espaço de sociabilidade das jovens, assim como os saberes e as práticas desenvolvidos no seu interior indicam o processo de aprendizagem da cultura ideal. Como pólo mercantil e sociocultural de Sergipe, Laranjeiras, no final do século XIX, também era referência no campo educacional, pois possuía aulas públicas e particulares, primárias e secundárias, escolas laicas, de confissão religiosa católica e protestante. O Colégio Inglês se destacava nesse cenário, pela sua origem e pela atuação na educação das filhas das famílias da elite local e pela sua breve passagem em Sergipe.

Palavras-chave: Educação feminina; Cultura escolar; História da educação.

Pernambuco, Sergipe, São Paulo: the way of the English College at the female education**Abstract:**

This study's central preoccupation is to analyse the local registers about The English School, a private female teaching establishment, with boarding-school and day-school. Its activities begun in Laranjeiras in 1887 with a different curriculum. The announcements and commemoration in the end of school year that were published at Laranjeiras' and Aracaju's press revealed the young girls important sociability space. In the same way the knowledge and the practices developed there indicated the learning process of the ideal culture. As Sergipe's commercial, social and cultural pole, in the end of 19th century, Laranjeiras was also a reference in educational field because it had public and private, elementary and secondary classes, laical schools and catholic and protestant schools. The English School appears for its performance in the education of the local rich family's daughters and for its short stay in Sergipe.

Keywords: Female education; School culture; History of education.

Apresentação

O objetivo deste artigo é analisar a trajetória do Colégio Inglês, uma instituição de educação feminina que iniciou suas atividades letivas no ano de 1887, na cidade de Laranjeiras, no interior de Sergipe. Os anúncios publicados pelos jornais a respeito da instituição demonstram a preocupação da direção e do corpo docente em oferecer uma formação baseada nos estudos de Línguas Estrangeiras, Religião, Português, Aritmética, Geografia, História, Piano e uma grande diversidade de trabalhos manuais e pinturas, em sintonia com a proposta educativa desenvolvida nos

colégios particulares femininos nas Províncias do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. O noticiário sobre as solenidades de encerramento do ano letivo publicado na grande imprensa de Laranjeiras e Aracaju revela aspectos das práticas e dos saberes desenvolvidos no interior do estabelecimento de ensino.

Alguns marcos da escolarização feminina em Sergipe e em Laranjeiras, no século XIX, merecem destaque. Por intermédio da Lei Imperial de 15 de outubro de 1827, que prescrevia a criação de escolas de primeiras letras nas cidades, vilas e lugarejos mais populosos, em todo o território brasileiro, as mulheres adquiriram acesso oficial às aulas públicas. A partir de então, foram

E-mail para correspondência:

* anagbueno@uol.com.br

** ester.fraga@uol.com.br

*** jorge@ufs.br

implantadas as cadeiras de primeiras letras para meninas que deveriam prioritariamente ser providas por professoras. Esta mesma lei previa ainda conteúdos curriculares diferenciados, além do ensino comum a todas as escolas: ler, escrever, contar e a doutrina cristã. No entanto, destacava-se o ensino de geometria para os meninos e, para as meninas, bordado e costura.¹

Mesmo com a garantia legal de acesso ao ensino público, a educação feminina em conventos, colégios religiosos ou no ambiente restrito do lar com preceptoras, em geral estrangeiras, ou mesmo professores particulares, ainda se manteve por muito tempo. Essas possibilidades, no entanto, estavam restritas às jovens da elite sergipana. Nessas modalidades de educação das jovens, além dos conteúdos tradicionalmente indicados para as meninas, eram incluídas aulas de etiqueta, piano, francês e habilidades culinárias.

Em Sergipe, as escolas de primeiras letras abertas para meninas surgiram em 1831, nas cidades de São Cristóvão, Estância, Laranjeiras e Propriá.² Em 1834, funcionavam 29 escolas de primeiras letras. 25 eram masculinas e quatro femininas. No tocante ao ensino secundário, funcionavam no mesmo ano 12 cadeiras públicas, que atendiam apenas aos alunos do sexo masculino.

Em visita a Sergipe, em 1860, o Imperador D. Pedro II registrou algumas observações sobre as aulas de meninas nas cidades de Aracaju, São Cristóvão, Maroim, Estância e Laranjeiras. Nessa última cidade, avaliou o trabalho desenvolvido nas aulas públicas do sexo feminino ministradas pela professora Possidônia Maria de Santa Cruz Bragança:

Aula de meninas 94 matr. Freq. 60 a 70 a letra do livro que é da professora, Possidônia M^a de S^a Cruz Bragança, não é má. 1^a lê quase que bem, alguma gramática. Dividiu bem e sabe a prova real. Há 2 anos e veio com princípios conforme a professora. 2^a lê sofrivelmente; pouca gramática. Dividiu bem, e sabe a prova real. Há 2 anos e veio com princípios. 3^a lê sofrível quase nada ou nada de gramática; divide mal e sabe a prova real. Há 2 anos; já tinha estudado antes. Casa bem arranjada. [Ilegível] trabalhos de bordado. Receberam-me com um hino de estilo religioso em francês. Sabem as rezas e doutrina mas não vejo que a professora seja muito capaz de dar explicações. Letra muito boa.³

A avaliação feita pelo Imperador sobre a atuação da professora e o desempenho das alunas nos informa acerca dos seus critérios e da preocupação com a educação das jovens. Os rudimentos de aritmética e língua pátria, assim como os princípios da doutrina cristã e os trabalhos manuais são destacados pelo visitante. De acordo com os seus registros, apenas esta turma de

alunas o recebeu com um canto religioso em francês. Estes vestígios indicam a importância de certos saberes e práticas para a educação feminina e também o empenho da professora em apresentar um certo diferencial do seu trabalho, como resultado do ensino ministrado.

Esta mesma professora dirigia um estabelecimento de ensino particular feminino denominado Colégio N. Sra. Santana desde 1848, na cidade de Laranjeiras, que funcionava em regime de internato e externato. Em 1899 o estabelecimento passou à direção de uma ex-aluna, Quintina de Oliveira Diniz, e em 1906 foi transferido para Aracaju.

A primeira instituição educacional protestante de Sergipe também foi fundada em Laranjeiras, no ano de 1886. Denominada Escola Americana e dirigida pelo Professor Manuel Nunes Motta, oferecia os cursos primário e secundário para ambos os sexos, além de internato masculino e feminino.⁴ Esse estabelecimento também mudou para Aracaju, depois de alterar a sua estrutura e direção em 1899.

O Colégio Inglês passou a integrar o diversificado campo educacional laranjeirense a partir do final de 1886. Segundo os registros levantados, a primeira turma de alunas foi matriculada no início do ano de 1887. Em 1890 encontramos o último registro sobre o mesmo na imprensa de Aracaju e, em 1894, a diretora Miss Anne Carol e as professoras Júlia e Laura de Oliveira passaram a educar jovens no interior de São Paulo. Foi breve e significativa a presença do Colégio Inglês em Laranjeiras e muitas as informações existentes na grande imprensa de Laranjeiras e de Aracaju.

O Colégio Inglês em Laranjeiras

Na segunda metade da década de 1870, como acontecia em todo o país, as escolas particulares e internatos proliferaram na província de Sergipe, oferecendo um ensino diferenciado em relação ao que era ministrado nas escolas públicas. No final da década, existiam em Sergipe 112 escolas públicas primárias e 18 particulares. A cidade de Laranjeiras funcionava como um importante pólo das atividades mercantis de importação e exportação da província, mantendo contato direto com as praças de Pernambuco, Rio de Janeiro, Bahia e muitos países da Europa. Sua posição geográfica privilegiada proporcionou um porto fluvial distante sete léguas do estuário do rio Sergipe, estando estrategicamente localizada à margem esquerda do rio Cotinguiba, o que facultava incursões pelo interior da província, de onde se escoava toda a produção açucareira da região, transformando-se, na segunda metade do século XIX, no maior centro comercial de Sergipe. Laranjeiras era um núcleo urbano e intelectual

importante, no qual a diversificação social podia ser observada em sua vida cultural por meio dos teatros, dos gabinetes de leitura, das escolas, clubes e dos jornais que demonstravam sintonia com as polêmicas da época. O poderio da indústria açucareira refletiu-se em sua paisagem arquitetônica, na construção de sobrados e de edifícios públicos e comerciais. Laranjeiras também destacou-se na vida sociocultural e política de Sergipe como pólo divulgador dos ideais republicanos.

Na década de 1880, a província de Sergipe tentou implementar a reforma Leôncio de Carvalho, durante o governo do presidente Herculano Inglês de Souza (18/5/1881-22/2/1882), esbarrando na realidade social, impregnada pelos interesses políticos e pelo tradicionalismo. Ao baixar o Regulamento da Instrução Pública, de 11 de setembro de 1881, o presidente Inglês de Souza retirou do currículo do ensino primário a instrução religiosa, estabelecendo a liberdade de crença, e determinou a criação de colégios para ambos os sexos. No seu conjunto de reformas, estabeleceu definitivamente o ensino normal na província, destinado a “habilitar indivíduos de ambos os sexos na teoria e prática do magistério primário”.⁵

Em Sergipe, como em todo o Brasil, os colégios secundários de orientação leiga ou religiosa, fundados e mantidos por particulares, tiveram um papel relevante nas últimas décadas do Império. Sem estarem sujeitos, em sua maioria, a qualquer inspeção governamental, esses estabelecimentos, estimulados pela concorrência, formavam a vanguarda do pensamento educacional pela adoção de modernas técnicas de ensino, pelo impulso dado ao estudo da ciência e pela ênfase emprestada às línguas modernas.⁶

No ano da proclamação da República, Sergipe contava com 172 escolas de primeiras letras, sendo 78 masculinas, 20 femininas e 74 mistas. Em relação ao número de alunos atendidos, percebe-se que a presença das alunas correspondia quase à metade do total. Elas eram 2.550, enquanto os meninos eram 2.569, totalizando 5.119 alunos matriculados.⁷ Apesar do crescimento do número de escolas femininas ao longo das últimas décadas do Império, mesmo da implantação de escolas mistas, era muito freqüente nos discursos oficiais desse período a afirmação de que “as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas”,⁸ ou seja, a ênfase da escolarização deveria recair mais sobre a formação moral e a constituição do caráter. Afinal o destino socialmente construído para elas, como boas esposas e mães exemplares, exigia nada mais que uma moral sólida e bons princípios.

A partir de 1886 começaram a aparecer notícias de alguns colégios particulares nos jornais laranjeirenses, dentre eles o Colégio Inglês. Filiado ao Colégio Nossa

Senhora da Graça, na província de Pernambuco, oferecia educação secundária ao sexo feminino, admitindo alunas internas e externas, sob a direção de Miss Anne Carol e de Júlia de Oliveira, auxiliadas por Laura de Oliveira. À época, além das aulas públicas, o ensino secundário em Laranjeiras atendia as pessoas por intermédio do Colégio Nossa Senhora Santana, do Liceu Laranjeirense e da Escola Americana. Não são conhecidos os fatores que determinaram a denominação do Colégio Inglês. Fundado no mesmo ano em que começou a funcionar a Escola Americana, esta de orientação presbiteriana, o Colégio Inglês seguia orientação católica. Certamente a denominação era importante, pois foi mantida após a sua transferência para a cidade de Rio Claro, em São Paulo. Não há, sequer, certeza de que a Miss Anne Carol, sua fundadora e diretora, fosse de nacionalidade britânica, ou se a denominação teria sido tomada apenas em contraposição à importância da Escola Americana. Não foi possível também identificar com clareza se efetivamente o Colégio possuía finalidades religiosas, apesar da sua declaração inicial de filiação ao Colégio católico pernambucano.

Instalado em edifício próprio, o Colégio possuía, além das salas de aula e instalações de secretaria e direção, um salão nobre destinado a realização de festas, exposições e atos solenes. Funcionavam também no edifício os dormitórios e refeitório das alunas internas. Todavia, a referida instituição não oferecia a estas todo o mobiliário, sendo as alunas que se internavam obrigadas a incluir uma “cama pequena” no enxoval. Além desta, eram obrigatórios: colchão, travesseiros e roupa correspondente, lavatório de ferro com bacia e jarros e bacia para banho, tudo adequado ao gosto e a vontade de cada família.⁹ Em outras palavras, de acordo com o seu status social e as suas possibilidades econômicas.

O pagamento dos serviços prestados pela escola era feito trimestralmente e tinha custos diferenciados. As alunas internas pagavam 135\$000; as externas que recebiam aulas de piano, 60\$000; e, as externas que não freqüentavam as aulas desse instrumento, 30\$000. As famílias que matriculavam duas ou mais filhas, recebiam da escola um desconto especial nos preços, segundo anúncio publicado no jornal *O Horizonte*.

O ano letivo do Colégio Inglês se iniciava no dia 15 de janeiro de cada ano e era concluído sempre no dia 30 do mês de novembro. O encerramento das atividades letivas era feito normalmente com pomposas solenidades que incluíam os exames de verificação do rendimento, as apresentações artísticas, exposição de trabalhos manuais e confraternização entre estudantes, professores, familiares e o público interessado em acompanhar as atividades de educação feminina. Sempre noticiados de maneira detalhada pela imprensa,

os convites para as festividades de final de ano eram publicados por jornais de Laranjeiras e de Aracaju (a capital da Província), a fim de mobilizar os interessados. Os exames do rendimento escolar eram feitos por uma banca especialmente composta, inclusive com a presença do delegado literário, Thomas Calmon Vinhas. Os membros da banca eram intelectuais e professores de prestígio, nem sempre integrantes do corpo docente da instituição escolar. Nesse tipo de exame, as comissões examinadoras atuavam como se estivessem a prestar contas à sociedade da realização das possibilidades que tem a instituição escolar de realização das aspirações e dos desejos sociais. Ela conferia uma espécie de aval, de legitimação intelectual ao trabalho escolar.

Nos primeiros exames, realizados em 27 de novembro de 1887, participaram da banca Pedro Júlio Barbuda, Felisbello Freire, Balthazar Góes, Alexandre Freire e Antônio de Siqueira Mota.¹⁰ Para os exames de português, o Colégio apresentou duas turmas de alunas, que foram argüidas por Balthazar Góes, sobre análise e lógica gramatical; Pedro Barbuda e Júlia de Oliveira fizeram as argüições de francês, na própria língua, que constavam de traduções de textos de Chateaubriand, testando conhecimentos de etimologia e sintaxe, correção de pronúncia, interpretação e fonética. Era a mesma a natureza da argüição de língua inglesa. O mesmo rigor era observado para as demais disciplinas obrigatórias. Os examinadores manifestavam os resultados da avaliação mediante os conceitos Ótimo e Bom. Em nenhum dos registros encontrados havia informações a respeito da reprovação de qualquer aluna. As provas de piano eram feitas sob a forma de apresentação pública das alunas, com peças clássicas de origem francesa, algumas executadas a quatro mãos. Desde 1888, a avaliação de alemão foi acrescentada aos exames. Uma curiosidade é que a argüição dos exames da língua germânica era feita em francês pela professora Júlia de Oliveira, que à época respondia pela direção da escola. Nos exames do ano de 1889, realizados no dia 24 de novembro, foi acrescentada a avaliação também dos conhecimentos de aritmética, que não constavam dos registros dos exames realizados nos anos anteriores.

No momento dos exames era possível dar visibilidade ao conteúdo dos saberes incorporados pelas estudantes. O êxito nos exames manifestava a aprendizagem da cultura ideal e expunha o desempenho das alunas:

Testemunhar os exames do Colégio Inglês importa para nós acreditar que a instrução da mulher sergipana vai sendo já uma realidade, convido que a luz que difunde-se deste ilumine o maior número possível de mentalidades da nossa sociedade.¹¹

As apresentações artísticas eram compostas pelos recitais de piano e poesias e pequenos dramas em português, francês e inglês. O noticiário dos jornais a respeito das festas escolares trazia sempre o programa executado nos mínimos detalhes. Normalmente, a rotina desse tipo de evento incluía, alternadamente, as execuções ao piano de peças de compositores franceses e a recitação de poesias. Era uma ocasião na qual se apresentava aos grupos sociais da elite local e às famílias o grau de desenvolvimento das habilidades femininas proporcionado pela escola.

Após essas apresentações, passava-se a um outro salão, no qual estava montada a exposição dos trabalhos manuais e artísticos desenvolvidos durante o ano letivo, como pintura a óleo e sobre espelhos; aquarelas; desenhos a *crayon*; bordados a ouro, seda frouxa, cetim e lã; além de flores artificiais.

A realização das festas na escola era de importância fundamental. Mediante as apresentações públicas das suas alunas, o Colégio demonstrava à sociedade laranjeirense o modo como o saber e as práticas eram apreendidos. Era um momento no qual as alunas que mais se destacavam tinham a oportunidade de ver o registro dos seus nomes como os das novas inteligências que emergiam:

Não poderás conservar em memória todos os nomes das alunas que mostraram conhecimentos pouco comuns, o que lamentamos, pois desejamos registrá-los em nossas colunas como um incentivo. Entre tantas, porém, fere-nos ainda o entusiasmo das inteligentíssimas crianças, Leonor Fonseca e Marianna Belem, as quais deram provas literárias dignas de nota, salientando-se também na declaração de uma poesia de Chateaubriand e no piano a espírita Dolores Guimaraães. Em geral, colocaram-se todas as alunas dignas de suas ilustradas professoras.¹²

Em artigo publicado no jornal *O Laranjeirense*, Felisbello Freire salientou as características da direção e das docentes do colégio. Na sua opinião, a diretora, Miss Anne Carol, destacava-se pelo conhecimento musical que possuía; Laura de Oliveira, “pelos trabalhos de arte que estiveram em exposição, ensino este que corre a seu cargo”. E Júlia de Oliveira distinguia-se “pelo estudo de línguas e que tem o dom de externar uma idéia em cinco idiomas”.¹³ Não obstante o vasto noticiário a respeito dos talentos das três professoras citadas, não foi localizado qualquer outro tipo de registro a respeito dos demais integrantes do corpo docente.

A análise das fontes consultadas permitiu que se verificasse estarem as alunas agrupadas em três classes de português, duas de francês e uma de inglês, de acordo com o nível de aprendizagem. As precárias

condições de conservação do acervo utilizado possibilitou que fosse reconstituída apenas uma pequena lista de moças matriculadas no Colégio Inglês, nos anos de 1887 e 1888, a saber: Eugenia Daltro, Dolores Guimarães, Izabel Barretto, Joanna Lima, Maria da Silveira, Elisa de Oliveira Diniz, Quintina de Oliveira Diniz, Julieta Brandão, Maria Rosa de Almeida, Leonor Fonseca, Marianna Belem, Marianna Braga, Maria Clara Cardoso, Maria da Conceição Menezes, Izaura Brandão, Alice de Oliveira Diniz, Carolina Sebrão, Flora de Alencar, Ana Lobão, Maria José Guimarães, Marta Rezende, Arminda Menezes, Cecília Maia, Maria do Prado, Maria Freire, Maria R. Leite, Adelaide Guimarães, Amélia Vieira de Melo, Mariana Vieira de Melo, Phinellina, Josefa Barros, Maria da Conceição Barros, Leonor Barros e Amélia Guimarães.

É possível identificar que muitas dessas alunas, alguns anos mais tarde, dedicar-se-iam ao magistério feminino dirigindo escolas e atuando como professoras, a exemplo de Quintina Diniz que, a partir de 1899, assumiu a direção do Colégio Nossa Senhora Santana, e, Marianna Braga que, a partir de 1907, dirigiu o Colégio Boa Esperança. O fato de a maior parte das alunas possuir sobrenome ligado a importantes famílias sergipanas é revelador do sucesso do empreendimento escolar junto à elite local. Somente a família Diniz, uma das mais influentes, dentre os grupos que dominaram a economia e a política sergipana por muitas décadas, manteve matriculadas três das suas filhas: Quintina, Alice e Elisa. A família Vieira de Melo, que influiu bastante nos rumos da política sergipana, mantinha na escola duas alunas: Amélia e Mariana.

O primeiro anúncio publicado, em 1886, quando da instalação do Colégio, informava que o programa a ser oferecido, incluía como disciplinas o ensino de Primeiras Letras, Religião, Português, Francês, Inglês, Alemão, Geografia, História Universal, Piano, Desenho, Pintura e Aquarela a óleo e sobre espelhos, Bordado de todas as qualidades e Flores Artificiais. Em destaque, indicava-se que as línguas faladas no estabelecimento de ensino seriam a francesa e a inglesa. Os anúncios publicados em 1890 revelam o desaparecimento do currículo escolar do ensino de Religião, ao mesmo tempo em que foi incluído o ensino de Aritmética. Aqui está definido um conjunto de saberes e habilidades que as moças deveriam aprender. A estes somavam-se as normas de conduta que, juntos, complementavam as possibilidades de transmissão de tais saberes e habilidades definidos pela direção da escola. Para moldá-los era necessário cuidar de todos os aspectos da vida, sendo postos aí em relevo aqueles que diziam respeito não apenas às aptidões intelectuais, mas também ao estado de higiene. Como os demais estabelecimentos de ensino do seu tempo, o

Colégio Inglês não admitia alunas que não apresentassem bom estado de saúde. Todos esses indicadores são reveladores das práticas escolares daquele período.

A verificação dos conteúdos curriculares, das características do corpo docente, das festas realizadas quando do encerramento dos períodos letivos, permitenos estabelecer relações entre as práticas culturais produzidas no interior do Colégio Inglês e as práticas sociais dos laranjeirenses. A cidade, que se destacava como o mais importante centro econômico, social e político sergipano, entusiasmou-se com a instalação do Colégio Inglês, uma vez que este chegou propondo para a formação feminina local conteúdos que eram coerentes com o que havia de mais atual nas escolas dos grandes centros urbanos brasileiros, como o Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Felisbello Freire sublinhou a importância do estabelecimento do ensino para a formação da mulher sergipana:

Brilhante propaganda dos que não se cansam em projetar luz, aclarando o ambiente em que gira o espírito da mulher que, tanto como o homem, sente a necessidade de compreender e conhecer seu século, tornando compatíveis o respeito aos velhos hábitos e a intuição das novas idéias.¹⁴

Os anúncios e registros a respeito do Colégio Inglês desapareceram dos jornais de Aracaju e Laranjeiras, a partir do ano de 1890. Em 1894, registros a respeito do mesmo Colégio Inglês apareceram na imprensa de São Paulo,¹⁵ em particular no Almanaque de São Carlos, noticiando a existência da escola em São João do Rio Claro, sob a mesma direção de Anne Carol e com a mesma composição docente, na qual constam as presenças de Júlia de Oliveira e Laura de Oliveira. Também dedicado ao ensino do sexo feminino, o Colégio Inglês em Rio Claro manteve a mesma estrutura curricular desenvolvida em Laranjeiras.

Até agora não foi possível levantar as razões que determinaram a transferência de Anne Carol, Júlia e Laura de Oliveira de Pernambuco para a cidade sergipana de Laranjeiras, nem mesmo as motivações da filiação, assumida nos primeiros anúncios publicados nos jornais, entre o Colégio Inglês e o Colégio de Nossa Senhora da Graça. Da mesma maneira que chegaram a Laranjeiras e começaram a aparecer nos anúncios e no noticiário dos jornais, o Colégio Inglês e suas organizadoras desapareceram de Sergipe e surgiram no noticiário da imprensa de São Paulo, sem que seja possível encontrar explicações consistentes para mais essa mudança. Não há registros de conflitos ou de quaisquer outras situações que pudessem provocar a interrupção das atividades da instituição escolar.

Certamente Anne Carol, Júlia e Laura Oliveira foram mulheres diferenciadas na sociedade laranjeirense da época, muito tradicional. Sem raízes familiares e políticas locais, as três professoras encontraram boa aceitação e receberam fortes e públicos elogios. Outra vez é necessário invocar a voz do republicano Felisbello Freire:

A julgar pelos altos atributos mentais e morais das ilustres preceptoras do Colégio Inglês, prognosticamos ser ele, para o futuro, um importante fator da prosperidade de Sergipe, pois, feliz o povo que tem boas escolas.¹⁶

Considerações Finais

Instituições de ensino como o Colégio Inglês evidenciam a importância que ganhou a educação feminina no Brasil no final do século XIX. Do seu conjunto de saberes, sobressai a preocupação em diferenciarse mediante práticas como o ensino de línguas estrangeiras que normalmente não estavam presentes no currículo das escolas do período destinadas à educação das mulheres. Eram poucos os estabelecimentos, como o Colégio Inglês, que ensinavam Alemão, Inglês e Francês. Mesmo no que diz respeito ao conjunto das demais disciplinas, era comum, apenas o ensino de Gramática, Aritmética e Religião, além das Prendas Domésticas. No caso do Colégio aqui estudado, acrescenta-se o ensino de Música, com ênfase para as aulas de piano e canto. Quanto às Prendas Domésticas ensinadas, o estabelecimento da Miss Anne Carol valorizou trabalhos de pintura a óleo e em espelhos e bordados refinados (a ouro e fio de seda). A formação intelectual buscava também refinar o conhecimento feminino, com aulas de Geografia e História.

Era importante que todos tivessem conhecimento do alto nível do preparo oferecido às moças ali formadas. As festas de encerramento do ano letivo eram a oportunidade para que as alunas demonstrassem a desenvoltura e o refinamento que vinham adquirindo, quando das apresentações, seja declamando, encenando e executando peças de compositores clássicos ao piano ou mesmo com as exposições de trabalhos realizados na escola ao longo do ano. Os estudos sobre festas escolares das quais há registro na imprensa sergipana, normalmente, dão conta apenas da visibilidade do desenvolvimento e da formação das mulheres. Quando os registros tratam de escolas destinadas à formação masculina, restringem-se exclusivamente a citar os exames das diversas disciplinas e da verificação do rendimento escolar, omitindo outras habilidades intelectuais e artísticas eventualmente desenvolvidas pelos homens.

O caso do Colégio Inglês e de outras escolas privadas do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX é um bom exemplo de como os anúncios e o noticiário dos jornais constituem importante fonte para os estudos de História da Educação, uma vez que no Brasil somente a partir da terceira década deste último século as repartições públicas destinadas ao controle do ensino começaram a receber com regularidade relatórios e estatísticas das escolas. São raros os documentos existentes em arquivos públicos e particulares que dispõem de dados ordenados a respeito do funcionamento das escolas privadas. Eventualmente, de algumas delas, ficaram livros contábeis e registros das atividades docentes e discentes. Mas nem sempre estes estão dispostos em séries que tornem possível incorporar uma visão mais aproximada das práticas escolares.

No caso do Colégio Inglês, o problema mais intrigante é o que diz respeito a sua transferência para a cidade de Rio Claro, no interior do Estado de São Paulo. Pelo que foi possível levantar com base nas fontes, até o presente momento a hipótese mais fértil que este texto se permite levantar indica uma possível relação entre a mudança e a epidemia de varíola que grassou em Sergipe no final do século XIX e na primeira década do século XX.

Na década final dos anos 800, muitas famílias transferiram-se de Laranjeiras para Aracaju, temendo os efeitos da moléstia. Várias instituições, inclusive escolas, deixaram de funcionar por algum tempo. Outras transferiram-se para a capital nesse mesmo período. É possível citar os casos da Escola Americana e do Colégio Nossa Senhora Santana. Quanto ao Colégio Inglês, seria necessário perguntar: por que o estabelecimento não teve, então, o mesmo destino? Não há estudos nem foram encontrados elementos de informação que permitam o oferecimento de uma resposta com alguma segurança. Há necessidade de investigar também a hipótese de que o medo tenha afastado muitas pessoas e instituições não apenas de Laranjeiras, mas de Sergipe. Laranjeiras foi a cidade mais atingida pela epidemia. Dela, porém, não estavam livres outros centros importantes como as cidades de Lagarto, Capela, Estância, Riachuelo e, inclusive, Aracaju, a capital, apesar de nesta última cidade a situação ser menos grave.

O último registro sobre o Colégio Inglês existente na imprensa de Sergipe, data do ano de 1890. O primeiro registro localizado sobre o funcionamento da escola no interior de São Paulo, é do ano de 1894. As professoras responsáveis pelo Colégio Inglês eram mulheres que não tinham raízes em Laranjeiras. Viviam do negócio do ensino. Se verdadeira a hipótese do medo da varíola, nada mais natural que aos primeiros sinais da epidemia,

estas buscassem refúgio em uma outra cidade que fosse promissora, do ponto de vista econômico, e distante do foco da doença.

É importante ainda dizer que não se pode verificar apenas a hipótese da epidemia. São muitos os registros existentes no século XIX e na Primeira República dando conta de escolas itinerantes que mudam de cidade. Há casos de instituições que, durante a Monarquia, passaram por mais de duas províncias, o mesmo acontecendo no período republicano com instituições que funcionaram durante alguns anos em um Estado e depois transferiram-se para outro. Também não se pode esquecer, no caso de Laranjeiras, que a epidemia de varíola se abateu sobre a cidade justamente no período da sua decadência econômica, quando o porto e a sede dos negócios estavam definitivamente consolidados na jovem capital de Sergipe, Aracaju, fundada em 1855.

Apesar do seu breve período de funcionamento em Sergipe, o Colégio Inglês deixou marcas muito fortes na formação das filhas da elite sergipana. Dali saiu uma geração de mulheres dedicadas a distintas atividades econômicas, políticas e sociais. Os casos mais notórios são os de Quintina Diniz e Mariana Braga. Esta última fundou e dirigiu o Colégio Boa Esperança, em Aracaju, a partir de 1907. A primeira, adquiriu o Colégio Nossa Senhora Santana, em Laranjeiras e o transferiu para Aracaju, em 1906. Quando se verificam os registros de funcionamento das duas escolas e os relatos das suas festas, é impossível não perceber as semelhanças com as atividades do Colégio Inglês. Além disso, no caso de Quintina Diniz, a diretora do Colégio Nossa Senhora Santana, foi também professora da cadeira de Pedagogia da Escola Normal de Sergipe, por mais de 30 anos. Uma outra dimensão das suas atividades é de caráter político. Na década de 1930, usando o prestígio do movimento feminista e as suas relações familiares, Quintina Diniz conquistou uma cadeira de deputada constituinte, sendo a primeira mulher sergipana a exercer mandato parlamentar.

Notas

- 1 Cf. LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. p. 444.
- 2 Cf. NUNES, Maria Thétis. *História da Educação em Sergipe*. p. 47
- 3 Cf. NUNES. Op. cit. p. 287.
- 4 Cf. VILLAS-BOAS, Ester Fraga. *Origens da educação protestante em Sergipe* (1884-1913). p. 114-115.
- 5 Cf. NUNES. Op. cit. p. 146.

- 6 Sobre esse aspecto, conferir os estudos realizados por LOPES (1997), RIBEIRO (1996) e HILSDORF (1995).
- 7 Cf. NUNES. Op. cit. 158.
- 8 Cf. LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. p. 446.
- 9 Cf. *Jornal O Horizonte*. p. 4.
- 10 Cf. *Jornal O Larangeirense*. 11 de dezembro de 1887. p. 3.
- 11 Idem. Dezembro de 1887. p. 4.
- 12 Ibidem.
- 13 Idem, ibidem. 3 de dezembro de 1887. p. 3.
- 14 Cf. FREIRE, Felisbello. “O Colégio Inglês”. *Jornal O Larangeirense*. 3 de dezembro de 1887. p. 3.
- 15 A esse respeito, consultar HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *Tempo de escola: fontes para a presença feminina na educação*. São Paulo – Século XIX. p. 115.
- 16 Cf. FREIRE, Felisbello. Op. cit. p. 3.

Referências Bibliográficas

- FREIRE, Felisbello. “O Collegio Inglês”. *Jornal O Larangeirense*. Laranjeiras, 3 de dezembro de 1887, p. 3.
- HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. “Os anjos vão ao colégio: Rangel Pestana e a Educação Feminina.” In: *Revista da Biblioteca Mário de Andrade – Imagens de Mulher*. São Paulo, v. 53, p. 47-56, jan/dez, 1995.
- _____. *Tempos de escola: fontes para a presença feminina na Educação*, São Paulo – século XIX. Centro de Memória da Educação/Feusp. São Paulo: Plêiade, 1999.
- LOPES, Silvana Fernandes. *A formação feminina na sociedade brasileira do século XIX: um exame dos “modelos” veiculados pela literatura de ficção*. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – FE/Unicamp, Campinas-SP.
- LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula.” In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto; Ed. Unesp, 1997. p. 443-481.
- NUNES, Maria Thétis. *História da Educação em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe; Universidade Federal de Sergipe, 1984.
- RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. *A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas 1863-1889*. Campinas: CMU/Unicamp, 1996.

VILAS-BÓAS, Ester Fraga. *Origens da Educação Protestante em Sergipe (1884-1913)*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Mestrado em Educação/UFS, São Cristóvão-SE.

Jornais:

O Horizonte. Laranjeiras, 24 de dezembro de 1886.

O Laranjeirense. Laranjeiras, 3 de dezembro de 1887.

O Laranjeirense. Laranjeiras, 11 de dezembro de 1887.

Sobre os autores:

Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas é aluna do doutorado em Educação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Professora Assistente do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe.

Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do Nascimento é aluna do doutorado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC.

Jorge Carvalho do Nascimento é doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. Professor Adjunto do Departamento de História e do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.